

## CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLICITE:

- a) Área de inscrição: **8. Psicologia**
- b) Modalidade de pesquisa: **8. Fenomenológica**
- c) Trabalho a ser apresentado de acordo com: **modalidade de pesquisa (fenomenológica)**

## A CONSTITUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO INTER-RELIGIOSO A PARTIR DA VIVÊNCIA DE UMA BUDISTA: INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA

**Yuri Elias Gaspar e Miguel Mahfoud**

*Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri; Universidade Federal de Minas Gerais  
yuri.gaspar@ufvjm.edu.br; mmahfoud@fafich.ufmg.br*

### Resumo

Objetivamos investigar a constituição da experiência de encontro inter-religioso a partir da vivência de uma budista participante da Soka Gakkai International. Realizamos entrevista semiestruturada, analisada fenomenologicamente. Como resultado, compreendemos que ela reconhece o Budismo como parte integrante do seu ser-no-mundo. A partir deste reconhecimento, que se estruturou como resposta à sua busca por preenchimento, ela vive o relacionamento inter-religioso com seus familiares enfrentando resistências em busca de superá-las, se posicionando para cultivar o diálogo e a convivência harmoniosa, afirmando o valor de si e do outro na relação, e ampliando seu horizonte de elaboração. O encontro inter-religioso pode se constituir como troca de experiência, na qual cada um se posiciona pessoalmente a partir da própria religiosidade se abrindo para compartilhar a experiência do outro. Nesse compartilhamento, emergem diferenças e proximidades, mas o que define o valor e a qualidade do diálogo é o posicionamento de abertura mútua. O encontro inter-religioso vivido como acontecimento evidencia então a alteridade como constituinte da subjetividade e o valor da dignidade humana.

**Palavras-chave:** Encontro inter-religioso. Psicologia e cultura. Fenomenologia.

### Abstract

We aim to investigate the constitution of the experience of inter-religious encounter from the experience of a Buddhist participant of Soka Gakkai International. We conducted a semi-structured interview, analyzed phenomenologically. As a result, we understand that she recognizes Buddhism as an integral part of her being-in-the-world. From this recognition, which was structured as a response to her search for fulfillment, she lives the inter-religious relations with her relatives facing resistance in order to overcome them, positioning herself to cultivate dialogue and harmonious coexistence, affirming the value of herself and the other in the relation, and extending her horizon of elaboration. The interreligious encounter can be an exchange of experience, in which each one personally stands out from their own religiosity, opening up to share the experience of the other. In this sharing, differences and proximity emerge, but what defines the value and quality of dialogue is the position of mutual openness. The interreligious encounter experienced as an event evidences alterity as a constituent of subjectivity and the value of human dignity.

**Keywords:** Inter-religious Encounter. Psychology and Culture; Phenomenology.

## Introdução

No relacionamento inter-religioso, o desencontro tem sido uma constante, além de ser, em algumas situações, assustadoramente perigoso. A tensão toma a cena no desenrolar da relação, podendo se concretizar implícita ou explicitamente por meio de formas diversas. Tensão que se revela tanto no relacionamento interpessoal quanto em modalidades mais amplas de relação social.

Se no relacionamento inter-religioso o desencontro é dramático (e por vezes trágico), o encontro, quando se realiza, mesmo marcado por tensões, pode ser gerador de vida, ocasião de reconhecimento de uma proximidade fundamental na diferença, que pode lançar provocações para a totalidade da vida. Acontecimento que surpreende a todos os envolvidos, por mais que seja planejado: ele instaura uma novidade que pode abrir novos caminhos para o relacionamento inter-religioso. Desenrolando-se em nível interpessoal, o encontro inter-religioso pode inundar a constituição das relações sociais mais amplas, contribuindo para a constituição de uma cultura que o favoreça. Desenrolando-se em nível macro social, ou sendo proposto por figuras e instituições de referência, o encontro inter-religioso pode se constituir como recurso cultural para a transformação dos relacionamentos cotidianos.

Inclusive, nos últimos anos, ampliaram-se os esforços para promover explicitamente o encontro inter-religioso. São iniciativas que nasceram de diferentes tradições religiosas e em diversas partes do mundo<sup>1</sup>, experiências em ato que evidenciam a urgência e a radicalidade do encontro como resposta a tantos desencontros, oferecendo indicações preciosas para a constituição do relacionamento frutífero com o diferente (na diferença) e para construir um mundo mais humano. A importância de investigar efetivos encontros inter-religiosos é evidenciada por Sodré (2007) ao destacar que experiências concretas de acolhimento e diálogo entre sujeitos de diferentes perspectivas religiosas podem se tornar exemplos vivos que mostram a possibilidade de aprofundamento da experiência religiosa no reconhecimento da alteridade e no respeito à pluralidade de manifestações da religiosidade.

Diante desta configuração, perguntamo-nos: como o encontro inter-religioso se dá na experiência da pessoa? Como ela elabora essa modalidade de encontro com o outro?

<sup>1</sup> A título de exemplo de iniciativas a nível global, em 27 de outubro de 1986, na cidade de Assis, o papa João Paulo II reuniu representantes de várias religiões de todo o mundo para o Dia Mundial de Oração pela Paz. Esta reunião aconteceu também sob o seu pontificado em 24 de janeiro de 2002, e sob o pontificado de Bento XVI em 27 de outubro de 2011, em comemoração aos 25 anos do primeiro encontro. Outro exemplo de encontro entre representantes de várias religiões aconteceu entre os dias 24 e 26 de outubro de 2011, promovido pelo Centro Internacional de Diálogo Inter-religioso de Doha, reunindo mais 200 líderes religiosos oriundos de 50 países.

A partir dessas problematizações e ancorando-nos na Psicologia da cultura de orientação fenomenológica (AUGRAS, 1995), realizamos pesquisa de doutorado objetivando investigar a constituição e o dinamismo próprio da experiência de encontro inter-religioso a partir de quem pôde vivenciar unidade dentro da diversidade de posições religiosas (GASPAR, 2014). Para tanto, entrevistamos pessoas que, de fato, carregam essa experiência consigo<sup>2</sup>. Neste trabalho, objetivamos descrever e analisar a constituição da experiência de encontro inter-religioso a partir da vivência de uma budista.

## 1. Referencial teórico-metodológico

A Fenomenologia de Husserl (2006, 2012) e Stein (2003, 2005) é o eixo orientador de nossas elaborações teórico-metodológicas, na medida em que esta nos possibilita compreender o objeto de estudo como uma realidade-que-se-manifesta-a-mim (fenômeno) com características próprias, solicitando-nos um movimento de compreensão dos seus elementos constitutivos sem perder sua complexidade e vitalidade (ALES BELLO, 1998). A apreensão da realidade enquanto fenômeno evidencia a radical unidade sujeito-objeto, já que aquilo que se manifesta, se manifesta sempre a alguém (HUSSERL, 2006).

Buscamos investigar o encontro inter-religioso não como uma realidade externa e estranha a nós: ele nos provoca de certo modo, e nos voltamos para essa provocação a partir do nosso interesse real. Não obstante o encontro inter-religioso seja um problema de pesquisa porque nos interessa, o foco da investigação não é o nosso interesse em si mesmo, mas que tipo de interrogação ele gera. É lidando com estas provocações que emergem em nós no relacionamento com esta realidade que podemos apreendê-la em sua constituição. Por isso também a importância da epoché (ALES BELLO, 1998; HUSSERL, 2006), de suspensão de ideias prévias que carregamos para que possamos apreender os elementos constitutivos do encontro inter-religioso.

A Fenomenologia nos convida a uma atitude que se volta para a vivência, “ponte” que nos possibilita apreender o fenômeno. É por meio da análise da vivência que podemos colher a elaboração própria de cada sujeito, a relação social entre os sujeitos envolvidos e a estrutura de mundo na qual eles se ancoram para elaborar (ALES BELLO, 2004).

---

<sup>2</sup> Pesquisa devidamente submetida e aprovada no Comitê de Ética da UFMG (CAAE: 21981413.2.0000.5149).

Recorremos também à perspectiva relacional de Donati (2009) com o intuito de compreender com maior complexidade o princípio relacional do encontro inter-religioso. Donati nos convida a adotar uma lógica relacional não só no modo de observar a realidade como também na maneira de analisá-la. Essa lógica abre caminho para conhecermos o encontro inter-religioso na relação entre a nossa observação (a partir de um ponto de vista) e o “fato” social observado. Em síntese, é um chamado a pensar por e através das relações.

No que se refere à seleção do sujeito, utilizamos a amostragem intencional tomando como critério a vivência de, pelo menos, um relacionamento inter-religioso em que a pessoa envolvida tivesse uma experiência religiosa enraizada (não necessariamente institucionalizada). Como dito, dentre seis entrevistas realizadas com pessoas de diferentes tradições religiosas, escolhemos para este trabalho apresentar a experiência de uma budista.

Adotamos a entrevista fenomenológica semi-estruturada como instrumento de coleta (BARREIRA; RANIERI, 2012), solicitando que a participante nos relatasse a história de sua vinculação religiosa e seus relacionamentos inter-religiosos. Como roteiro de entrevista, adotamos a seguinte pergunta disparadora: “Gostaria que você me contasse a sua experiência religiosa, descrevendo tanto a sua história de adesão à sua perspectiva religiosa quanto de relacionamento com pessoas de outras religiões”.

Em comum acordo com a entrevistada<sup>3</sup>, optamos por manter o nome próprio da mesma, bem como da instituição da qual ela é vinculada. A entrevista foi gravada em registro sonoro e transcrita integralmente, com cuidado para que fossem mantidos os estilos de linguagem da participante. Documentamos também outros dados não verbais registrados no diário de campo que pudessem ser reveladores da vivência no momento da entrevista.

A análise dos dados guiou-se pelo método fenomenológico (VAN DER LEEUW, 1964), que toma os relatos como expressão da vivência e escava a subjetividade e o mundo-da-vida. Com esse procedimento, pode-se chegar ao modo como o fenômeno se estrutura; à constituição mútua entre subjetividade e mundo; e também à estrutura das diversas vivências, como elas se organizam e se manifestam (AMATUZZI, 1996; ALES BELLO, 2004).

Apresentamos abaixo a análise da entrevista por meio de uma reconstrução da experiência em que trechos do depoimento são seguidos pelas nossas análises de modo a explicitar o movimento próprio da pessoa e sua vivência religiosa e inter-religiosa.

---

<sup>3</sup> Que concordou em nos conceder a entrevista, assinando o TCLE.

## 2. A experiência de Carolina: uma síntese

Participante ativa da *Soka Gakkai International*, uma organização budista, Carolina é responsável por acompanhar os membros da organização que residem em certa região da cidade de Belo Horizonte, bem como as jovens budistas de sua faixa etária.

Com uma simpatia contagiante, Carolina surpreende por aliar jovialidade e maturidade. Ela aceitou participar da pesquisa, recebendo-me em sua casa. E é a casa o lugar por excelência onde sua convivência inter-religiosa acontece. Em seu lar, Carolina encontrou a resistência dos pais católicos quando da sua conversão ao Budismo. E convivendo, transformou resistência em simpatia. Onde antes imperava a desarmonia, hoje reina o diálogo. Onde não havia lugar para aceitação, hoje se apresenta a participação e o intercâmbio: permanecendo católica praticante, sua mãe não só permitiu que Carolina se convertesse ao Budismo como também participa de algumas reuniões da *Soka Gakkai*.

Conquistas apreendidas no relacionamento com o outro, e também vividas no relacionamento consigo mesma: Carolina se abriu também para nos mostrar sua casa interior.

*Sempre mostrei, na verdade, o que eu sou. Porque eu sou o que eu pratico. O Budismo me fez assim. Se as pessoas gostam de mim, se sou uma pessoa agradável, se gostam da minha característica, gostam de conviver comigo, é porque o Budismo me tornou assim. Então, eu sou o Budismo! [risos].*

Carolina reconhece uma integração em seu ser: o que *mostra* coincide com o que é justamente porque é o que *pratica*. Em sua elaboração, essa integração transparece em suas *características* pessoais e interpessoais porque tem um fundamento sólido: o Budismo. A religião abraçada é concebida não só como um conjunto de ideias e práticas, mas como raiz da sua personalidade, ou melhor, da sua pessoa inteira: *sou o Budismo!*

*Eu praticava o Catolicismo quando era adolescente. E estava buscando alguma coisa que até então eu não sabia o que era. Eu buscava alguma coisa para me preencher.*

*A gente tinha muitos problemas familiares. (...) Diante daquela situação, a gente não conseguia dialogar, que é uma coisa que eu considerava muito importante. (...) A gente não tinha esse diálogo em casa. Então essas coisas me levaram a buscar uma forma de transformar esse ambiente, porque aquele não era um ambiente que eu queria viver. Eu não gostava desse ambiente em casa, e consequentemente a gente tinha problemas que manifestavam na sociedade, né? (...) Então a vivência familiar refletia lá fora.*

Carolina lida com o real carregando uma busca. Busca às vezes nebulosa, às vezes mais evidente: busca por se *preencher*, por *harmonia* e *diálogo* em seu ambiente. Ao longo de toda a entrevista, fica evidente que é se relacionando com o outro que ela se dá conta do que está



buscando, deixa-se provocar pelo modo como o relacionamento se dá e pelas respostas vividas ou anunciadas, aprende valores que precisam acontecer naquela relação e em toda relação. Busca, portanto, vivida em suas relações, especialmente junto a seus *familiares*. Em casa estão os relacionamentos centrais a partir dos quais sua busca se delinea, irradia, é transmitida: tirando consequências do que vive ali para outros âmbitos, sua elaboração está sempre se expandindo num movimento de abertura de horizontes, pois sempre *refletia lá fora*.

Quando sua busca não é correspondida ou mesmo considerada, por vezes ela vive uma insatisfação, por vezes colhe juízos de não razoabilidade, por vezes se reconhece desconsiderada e avalia criticamente a situação. Como ela mesma diz diante de uma experiência de *insatisfação* com a igreja católica: “*não é essa a religião que eu quero praticar, não é isso que eu quero pra mim, eu quero buscar mais*”.

*E eu comecei a perceber... Coincidentemente nesse momento que eu estava vivenciando, minha tia estava praticando o Budismo. Ela veio a apresentar o Budismo para a gente. (...) Conversando com minha tia, ela me mostrou algumas questões e tudo o que eu fui perguntando para ela o Budismo foi me respondendo. Eu falei: poxa, é aqui que eu me encaixo, essa é a religião que eu quero para mim.*

Quando sua busca é considerada, Carolina primeiramente se interessa, e depois se empenha, por meio da relação, para aprofundar as respostas às suas perguntas. Verificando, adere ao que encontra quando reconhece algo para si e vive uma experiência de realização pessoal: *essa é a religião que eu quero para mim!*

Diante da *resistência* inicial de sua família ao Budismo, por exemplo, Carolina fazia suas “*orações no terreiro de casa com a intenção de transformar esse ambiente para poder [se] converter*”, além de resolver “*mudar de comportamento*” e mostrar para seus familiares “*que aquela religião estava fazendo um efeito positivo*” em sua vida. Portanto, posicionando-se diante das situações de não correspondência, Carolina se mobiliza para transformar o ambiente em está inserida para que sua busca possa efetivamente se concretizar.

Trata-se de um movimento que não tem como foco apenas sua satisfação individual: o outro é fundamental para a realização de quem ela é. Seu empenho por superar resistências, rigidez e preconceitos enfrentados não tem como meta que nada a incomode. A correspondência maior é a *convivência harmoniosa*, em suas palavras. Por isso ela aceita se transformar e esperar a transformação do outro: em sua experiência, realização pessoal e realização das relações coincidem. Isso fica evidente na descrição de sua cerimônia de conversão ao Budismo:

*Foi um momento mágico! Foi muito feliz, porque eu realmente percebi que naquele momento fiz a transformação toda do meu ambiente. Eu senti naquele momento que aquela era a religião certa para mim, que eu tinha feito a escolha certa. O meu pai até hoje não se opõe, mas também não se interessa muito. (...) A minha mãe realmente... eu realmente transformei com [ênfase] ela. Porque ela que manifestava a maior resistência, e hoje o pessoal liga e ela conversa no telefone. E em algumas atividades... Interessante: quando eu não estou presente, ela já participou. A gente tem algumas atividades divididas. Às vezes participam só as senhoras, às vezes só os jovens (...). Então já aconteceu dela estar participando de uma atividade só de senhoras. E já aconteceu dela falar da nossa mudança de comportamento, tanto minha quanto do meu irmão, como que o Budismo fez diferença na nossa vida. Então, além de vencer essa resistência, a gente ainda a ganhou como simpatizante.*

Podemos compreender que a conversão, ao mesmo tempo em que se refere à adesão religiosa de Carolina, é vivida como realização e certeza de *escolha certa* na medida em que o outro responde e participa. E o modo como ele participa é reflexo de uma transformação no relacionamento. Participar não significa necessariamente se converter – já que seus pais permanecem católicos – mas compartilhar momentos significativos como sinal da abertura que passa a dar o tom da relação.

O encontro inter-religioso se apresenta na experiência de Carolina como algo a mais que a tolerância abstrata da perspectiva do outro, pois implica também em se interessar *de verdade*. A tolerância sem envolvimento não gera encontro nem realização pessoal. Isso fica evidente em sua surpresa com a mudança de posição da mãe: o que antes era *resistência*, hoje é intercâmbio real, é participação mesmo quando os filhos não estão presentes, é simpatia mesmo permanecendo como católica praticante. É possível o encontro real entre os diferentes: não é preciso abrir mão das próprias crenças para compartilhar e valorizar a crença do outro.

E Carolina também vive o diálogo inter-religioso *saudável* com outros familiares:

*Sentamos à mesa uma tia católica, um primo evangélico e eu budista, e trocamos ideias sobre o que a religião de cada um pensava sobre determinado ponto. Conversamos sobre juventude. Isso é fantástico. É muito bacana! Foi durante uma viagem para visitarmos uma tia que mora no Rio de Janeiro.*

*Minha outra tia [mãe de seu primo], quando se tornou evangélica, tinha resistência em deixar meu primo comigo depois que me converti porque ele sempre foi muito ligado a mim. E é uma segunda coisa também que eu consegui vencer, porque ela achava que o deixando aqui comigo sem a sua presença, poderíamos fazer a cabeça dele para mudar de religião. E eu fui mostrando para ela que não tinha disso.*

Para Carolina, é *fantástico* a experiência de uma católica, um evangélico e uma budista poderem conversar e expor as próprias perspectivas, *o que a religião de cada um pensa* e isso ser enriquecedor para todos.

Diante das *resistências* que emergem, Carolina não se furta à tensão e se posiciona buscando cuidar da relação, não abandonando nenhum dos fatores em jogo: nem sua adesão

religiosa nem a relação com o outro. Alcançando o resultado almejado, a *boa convivência*, ela é grata por ver acontecer o respeito mútuo, o diálogo como troca de experiência.

*E começamos a entrar nesse diálogo e a dizer assim: “ah! A minha religião pensa isso”, “ah... a minha pensa isso”. Umas coisas às vezes divergem, outras às vezes encontram, mas foi um diálogo saudável, porque não teve: “ah... mais aí eu não concordo!” [com a voz energética]. Não teve isso. Teve assim: “a minha religião pensa dessa forma sobre esse ponto”, “ah não, a minha pensa dessa”. Mas ninguém falou assim: “não! Mas não concordo com isso!”. Ou de questionar. Então foi um diálogo saudável. Na verdade foi uma troca de experiência.*

Não se tratava de um momento para combater, questionar, negar ou depreciar a perspectiva do outro: o tom da conversa foi outro. É evidente que nesse compartilhamento emergem posições que *divergem* e outras que *se encontram*, mas o critério que define o ser *saudável* se refere ao modo como a conversa se realizou: em lugar do *não!* ríspido, as assertivas buscavam introduzir as diferentes formas de pensar com respeito pela diferença.

Tomado nestes termos, o diálogo inter-religioso se constitui, na elaboração de Carolina, como *troca de experiência*, na qual cada um se posiciona pessoalmente a partir da própria religiosidade se abrindo para compartilhar a experiência do outro. Nesse compartilhamento, emergem diferenças e proximidades, mas o que define o valor e a qualidade do diálogo é o posicionamento de abertura mútua.

*Porque eu acredito que a gente transmite para a sociedade. Tudo o que acontece no núcleo familiar transmite. (...) É fantástico as pessoas se respeitando nesse nível! Tendo esse diálogo, acredito que caminhamos para diminuir a violência, principalmente as pessoas se atacando por diferença de opiniões, diferenças religiosas. Não é muito uma realidade no Brasil, mas a gente vê isso fora, muito desses conflitos. Então eu penso que esse é o caminho para resolver esses conflitos. Esse é o caminho... as pessoas realmente se respeitarem. (...) E eu penso que na atualidade as pessoas estão se abrindo para esse diálogo. Acho isso muito bacana.*

Carolina, a partir da possibilidade vivida e reconhecida em sua experiência com seus familiares, amplia o campo de elaboração do diálogo inter-religioso. Nessa ampliação, compara diferentes momentos e contextos, apreende critérios que sustentam um *verdadeiro diálogo*, é crítica às posições de fechamento que geram dogmatismo, *conflitos*, violência inter-religiosa e valoriza possibilidades de convivência e de diálogo bem sucedidas.

*A gente também sempre coloca que para a nossa Organização o diálogo é imprescindível. Nas nossas atividades, quando sentamos para estudar, sempre tem o diálogo, sempre tem essa troca de ideias do que estou entendendo, do que não estou entendendo, o que essa matéria está dizendo. Então todas as atividades têm sempre o diálogo como referência. E recebemos também pessoas de outras religiões. Não precisa praticar, pode participar. Explicamos sobre o Budismo, às vezes elas colocam opiniões, dúvidas, perguntas, enfim, várias coisas. Então tem essa troca. Isso é muito bacana. Eu acho muito interessante.*



*Imprescindível:* é assim que Carolina se refere ao valor do diálogo, tido como *referência* também para a sua Organização. Valor que se concretiza na preocupação quanto ao claro entendimento, seja nas atividades entre os membros, seja com as pessoas *de outras religiões* que não praticam o Budismo, mas querem participar das reuniões.

*O que isso tem a ver com a nossa Organização? O nosso objetivo principal é a paz mundial. Não acreditamos que a paz mundial vai ser alcançada quando 100% do mundo praticar o Budismo. Não é preciso que aquela pessoa que está na minha frente pratique o Budismo para estabelecermos um diálogo, uma conversa, para convivermos harmoniosamente. Nosso desejo é incentivar as pessoas, mostrar o Budismo, fazer com que elas conheçam. Se quiserem praticar, ótimo, melhor ainda. Mas se não sentirem essa afinidade pela Organização nem pela prática do Budismo não tem problema, a gente vai conviver da melhor forma, na verdade.*

Diálogo e convivência harmoniosa, fatores estruturantes da *paz*: objetivo principal que Carolina identifica na Organização que integra. O foco não é esperar que *100% do mundo* se torne Budista. Seu *desejo* é outro: *incentivar* um conhecimento do Budismo e uma modalidade de relacionamento que permita o diálogo e a convivência harmoniosa.

### 3. Discussão e conclusões

A partir da análise da experiência de Carolina, podemos identificar, em consonância com as elaborações de Giussani (2009) e Mahfoud (2012) que o encontro e o relacionamento com a alteridade são fatores estruturantes da subjetividade. Mesmo as tensões e resistências presentes no relacionamento se tornam ocasião para a descoberta e a constituição de si.

Isso nos indica que, ante a adversidade, quando a pessoa se posiciona afirmando algo mais radical, colhe uma provocação para si que a estrutura. Se isto pode acontecer quando o que está em jogo é uma diferença radical na concepção da totalidade da vida, de seu horizonte último de significado, então acreditamos que documentar o encontro inter-religioso se dando mesmo em meio à tensão se configura como contribuição real à compreensão do dinamismo do encontro, suas possibilidades e implicações na constituição da subjetividade.

Pudemos perceber também que o encontro inter-religioso na elaboração de Carolina emerge como uma experiência que a surpreende e realiza. Tanto Guardini (2002) quanto Romano (2008) evidenciam que está no “acontecimento” a força de provocação do encontro. Não é a pessoa que detém todos os termos da questão: o encontro é um acontecimento que abre possibilidades, que transborda o fato em si reconfigurando com uma nova vitalidade o real.

A partir de nossas análises, pudemos acompanhar em ato o dinamismo desse acontecimento: quando Carolina se surpreende com o que lhe acontece, colhe uma provocação para si, descortina-se uma nova possibilidade e emerge um movimento, uma dinâmica de elaboração vitalizada, uma abertura para a própria experiência nos seus mais diferentes âmbitos. Ao atuar essa abertura, apreendemos o seu movimento, o seu modo próprio de elaborar o que lhe acontece. Em relação ao encontro inter-religioso, isso se mostrou de modo muito evidente: foi possível acompanhar a compreensão de Carolina sobre a possibilidade do encontro a partir do modo como ela, surpreendida pelo acontecimento, retomava com vitalidade a sua experiência, deixando-se provocar por aquilo que emergia.

Nesse processo de abertura, também a pessoa do outro pode ser descoberta como surpreendente e pode ser afirmada naquilo que ela é. Em nossos resultados, essa afirmação da pessoa do outro, mesmo quando não se concorda com sua crença religiosa, se nos apresenta como algo além da mera tolerância ou da tentativa de assumir uma posição “politicamente correta”, podendo ser compreendida como sinal do reconhecimento do valor irredutível do outro.

Encontramos em Zilles (2012) a discussão sobre o valor absoluto do ser humano a partir da fundamentação da noção de dignidade. Realizando uma leitura do modo como o conceito foi elaborado ao longo da história, o autor chega a delimitar a dignidade como dado inerente ao gênero humano. Trata-se de uma dimensão fundante, não contingente, intocável, que se expressa nas relações intersubjetivas e precisa ser afirmada na convivência.

Com esta caracterização, podemos enriquecer a compreensão do encontro inter-religioso como afirmação em ato da dignidade humana. Nessa modalidade de experiência, a convivência não se restringe a tolerar discordâncias para evitar conflitos e manter a ordem social, mas se caracteriza como afirmação radical da pessoa por meio do respeito à sua liberdade unida ao reconhecimento da humanidade compartilhada.

## Referências

ALES BELLO, A. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 1998. 200 p.

ALES BELLO, A. *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. Tradução de M. Mahfoud e M. Massimi. Bauru: Edusc, 2004. 330 p.

- AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, n. 13, v. 1, p. 5-10, 1996.
- AUGRAS, M. *Alteridade e dominação no Brasil: psicologia e cultura*. Rio de Janeiro: Nau, 1995. 180 p.
- BARREIRA, C. R. A.; RANIERI, L. P. Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (Org.s). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 449-466.
- DONATI, P. *Teoria relazionale della società: i concetti di base*. Milano: Franco Angeli, 2009. 427 p.
- GASPAR, Y. E. *Unidade na diversidade: investigação fenomenológica de experiências de encontro inter-religioso*. 259 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- GIUSSANI, L. *O senso religioso*. Tradução de P. A. E. Oliveira. Brasília: Universa, 2009. 236 p.
- GUARDINI, R. O encontro. In COGO, L; CHAVES, C. (Org.s). *Curso de extensão em educação infantil*. Belo Horizonte: AVSI, 2002, p. 204-212.
- HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Tradução de M. Suzuki. Aparecida: Idéias e Letras, 2006. 383 p.
- HUSSERL, E. *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Tradução de D. F. Ferrer. São Paulo: Forense Universitária, 2012. 559 p.
- MAHFOUD, M. *Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer*. Brasília: Universa, 2012. 247 p.
- ROMANO, C. *Lo posible y el acontecimiento: introducción a la hermenéutica acontecimental*. Tradução de A. Fornari, P. Meno e E. Muñoz. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2008. 172 p.
- SODRÉ, O. Linguagem, símbolo e mito na sociedade pós-secular: a fenomenologia hermenêutica e a experiência inter-religiosa. In GAETA-ARCURI, I.; ANCONA-



V Seminário Internacional  
de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na  
Educação e nas Ciências em Debate

Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:  
torne-se um pesquisador em rede

LOPEZ, M. (Org.s). *Temas em Psicologia da Religião*. São Paulo: Vetor, 2007, p. 245-280.

STEIN, E. Estructura de la persona humana. In STEIN, E. *Obras completas. v.IV: escritos antropológicos y pedagógicos*. Tradução de F. J. Sancho e col. Vitoria: El Carmen, 2003, p. 555-749.

STEIN, E. Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu. In STEIN, E. *Obras completas. v.II: escritos filosóficos (etapa fenomenológica: 1915-1920)*. Tradução de F. J. Sancho e col. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 207-520.

VAN DER LEEUW, G. *Fenomenología de la religión*. Tradução de E. de la Peña. México: Fondo de Cultura Económica, 1964. 687 p.

ZILLES, U. *Pessoa e dignidade humana*. Curitiba: CRV, 2012. 110 p.